



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL  
CURSO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS SOCIAIS E  
HUMANAS**

**FERNANDA DE OLIVEIRA PRASNIEVSKI**

**A FORMAÇÃO PROPICIADA PELA ESCOLA DO CAMPO OLGA BENÁRIO  
PRESTES NA AUTONOMIA DE SUJEITOS**

**LARANJEIRAS DO SUL**

**2019**

**FERNANDA DE OLIVEIRA PRASNIEVSKI**

**A FORMAÇÃO PROPICIADA PELA ESCOLA DO CAMPO OLGA BENÉRIO  
PRESTES NA AUTONOMIA DE SUJEITOS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação  
apresentado como requisito para obtenção de grau de  
Licenciado em Educação do Campo: Ciências Sociais  
e Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Liria Ângela Andrioli

**LARANJEIRAS DO SUL**

**2019**

**Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Prasnievski, Fernanda de Oliveira  
A FORMAÇÃO PROPICIADA PELA ESCOLA DO CAMPO OLGA  
BENÁRIO PRÉSTES NA AUTONOMIA DE SUJEITOS / Fernanda de  
Oliveira Prasnievski. -- 2019.  
37 f.:il.

Orientadora: Liria ângela Andrioli.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso  
Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais  
e Humanas-Licenciatura, Laranjeiras do Sul, PR , 2019.

1. Escola. 2. Sujeitos. 3. Formação Humana. 4.  
Autonomia. I. Andrioli, Liria ângela, orient. II.  
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).



FERNANDA DE OLIVEIRA PRASNIEVSKI

A FORMAÇÃO PROPICIADA PELA ESCOLA DO CAMPO OLGA BENÁRIO  
PRESTES NA AUTONOMIA DE SUJEITOS

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul - *Campus* Laranjeiras do Sul.

Orientador(a): Profa. Dra. Liria Ângela Andrioli

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 06/12/2019.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Liria Ângela Andrioli  
Presidente / Orientadora

Profa. Dra. Maria Eloá Gehlen  
Avaliadora

Profa. Ma. Eliziane Gava  
Avaliadora

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus, por me proporcionar força para concluir o curso.

À minha família: minha mãe Sueli e meu pai Francisco, meus irmãos Sandra e Elisandro, que sempre me incentivaram, dizendo o quanto eu tinha capacidade para realizar o curso e a não desistir em hipótese alguma do meu sonho.

Ao meu companheiro de vida Renato Prasniewski, que Deus me presenteou no momento mais difícil da minha vida, onde ele acabou se tornando meu porto seguro que me apoia, me incentiva a lutar todos os dias pela minha vida e o nosso amor.

À minha orientadora Liria Ângela Andrioli, pela dedicação que concedeu a mim e ao meu trabalho, por sempre estar incentivando a gente a ler mais, estudar mais para poder conseguir sonhar e tentar transformar o mundo para um jeito melhor de se viver.

À minha tia Noemi que me ajudou aconselhando para não desistir do curso quando pensava que meu mundo tinha desabado.

Ao Ceagro, por esses 4 anos e meio que me forneceu um bom lugar para o estudo.

À escola Olga Benário Prestes por me conceder o espaço para a realização da pesquisa.

À Universidade da Federal da Fronteira Sul, Campus Laranjeiras do Sul, e aos professores da universidade que contribuíram para minha formação, de modo especial à professora Maria Eloá Gehlen que me ajudou muito nesse período.

Dedico à mim o trabalho também, pois sei o quanto foi sofrido, quantos obstáculos passei pra chegar até aqui.

Força, foco e fé!

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a formação propiciada pela Escola do Campo Olga Benário Prestes na autonomia dos sujeitos. A referida escola está localizada na comunidade Dez de Maio, no Assentamento Celso Furtado, no município de Quedas do Iguaçu PR. A temática está interligada à realidade social e cultural de sujeitos que estudam na escola e residem em um assentamento de Reforma Agrária. A pesquisa é de natureza qualitativa com a realização de entrevistas semiestruturadas e tem viés etnográfico. Desse modo, no primeiro capítulo contextualizaremos historicamente a Escola do Campo Olga Benário Prestes e o Assentamento Celso Furtado. Na sequência, aprofundar-se-á teoricamente os conceitos de autonomia, sujeitos e formação humana. Desse modo trazemos alguns interlocutores que nos auxiliarão no aprofundamento da temática. O terceiro e último capítulo irá trazer a compreensão da formação propiciada pela escola do campo Olga Benário Prestes na autonomia de sujeitos e a pesquisa empírica com as entrevistas semiestruturadas. Retoma-se aqui as principais questões propostas para o estudo, constituindo-se num ensaio que pretende fazer a relação da teoria com a prática.

Palavras-chave: Escola. Sujeitos. Formação humana. Autonomia.

## **ABSTRACT**

This study aims to analyze the training provided by the Olga Benário Prestes Field School in the autonomy of subjects. This school is located in the Dez de Maio community, in the Celso Furtado Settlement, in the municipality of Quedas do Iguaçu PR. The theme is linked to the social and cultural reality of subjects who study at school and live in an agrarian reform settlement. The research is of a qualitative nature with semi-structured interviews and has an ethnographic bias. Thus, in the first chapter we will contextualize historically the Olga Benário Prestes Field School and the Celso Furtado Settlement. Following this, we will theoretically deepen the concepts of autonomy, subjects and human formation. In this way we bring some interlocutors who will help us in the deepening of the theme. The third and last chapter will bring the understanding of the training provided by the Olga Benário Prestes field school in the autonomy of subjects and empirical research with semi-structured interviews. The main questions proposed for the study are resumed here, constituting an essay that intends to make the relationship between theory and practice.

**Keywords:** School. Subjects. Human formation. Autonomy.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**LDB** - Lei de Diretrizes e Bases de Educação

**INCRA** - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

**MST** - Movimento Dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

**PPP** - Projeto Político Pedagógico



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	7
CAPÍTULO 1. Contextualização histórica do Assentamento Celso Furtado e do Colégio Estadual Olga Benário Prestes .....	9
1.1 A história do Assentamento Celso Furtado em Quedas do Iguaçu/PR e a questão agrária .....	9
1.2 Contextualizando a Escola do Campo – Colégio Estadual Olga Benário Prestes .....	13
CAPÍTULO 2. Autonomia, sujeitos, formação humana .....	16
2.1. Autonomia e sujeito .....	16
2.2. Autonomia na escola na perspectiva do sujeito e da formação humana.....	19
CAPÍTULO 3. A formação propiciada pela escola do campo Olga Benário Prestes na autonomia dos sujeitos.....	25
3.1. Escola e educação do campo .....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	29
REFERÊNCIAS .....	31
ANEXO 1.....	33
ANEXO 2.....	34

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa analisar a formação propiciada pela Escola do Campo Olga Benário Prestes na autonomia dos sujeitos. A escola em questão está localizada na comunidade Dez de Maio, no Assentamento Celso Furtado, no município de Quedas do Iguaçu/PR. A temática está interligada à realidade social e cultural de sujeitos que estudam na escola e residem em um assentamento de Reforma Agrária.

A escolha do tema se deu através de um interesse pessoal, pois sempre estudei em uma escola rural que com o passar dos anos acabou se transformando em escola do campo. A minha visão sobre a mesma sempre foi restrita a essa escola que estudei.

Logo após ingressar na universidade e com a escolha do curso Educação no Campo: Ciências Sociais e Humana me deparei com aquele choque de realidade, pois nesse espaço universitário me apresentaram uma verdadeira escola do campo e só assim a compressão da minha visão sobre o mesmo foi totalmente mudada, e a partir daí cada vez mais me interessei por essa educação do campo que aproxima o sujeito da escola. Esses motivos me levaram a pergunta que responderia essas indagações: qual é a formação propiciada pela escola do campo Olga Benário Prestes na autonomia de sujeitos?

A autonomia apresenta propostas de práticas pedagógicas necessárias à educação como forma de construir a autonomia dos educandos, valorizando e respeitando sua cultura e seu acervo de conhecimentos empíricos junto às suas individualidades. Nesse contexto, o professor deve aprofundar o conceito em relação à autonomia de ser e de saber do educando por meio do conhecimento que o aluno traz para escola, visto que ele é um sujeito social e histórico.

Vale ressaltar que a prática cotidiana do professor, que passa a ser um modelo influenciador de seus educandos, ressaltando que a verdadeira formação docente devem estar presentes à prática da criticidade entrelaçado com as emoções, deve ensinar a refletir, sendo a prática educativa em si a possibilidade de transformação de jeitos e formas de pensar.

Trabalha-se com a hipótese que a educação do campo possui dimensão significativa nas escolas do campo e a lógica do trabalho e da organização coletiva, ensina aos alunos

a própria organização escolar a partir do coletivo e aproxima o sujeito da escola para obter um processo de transformação social e de autonomia

A pesquisa é de natureza qualitativa com a realização de entrevistas semiestruturadas e tem viés etnográfico, onde foram realizadas 4 entrevistas com ex alunos e professores da escola.

Desse modo, no primeiro capítulo contextualizaremos historicamente a Escola do Campo Olga Benário Prestes e o Assentamento Celso Furtado.

Na sequência, aprofundar-se-á teoricamente os conceitos de autonomia, sujeitos e formação humana. Desse modo trazemos alguns interlocutores que nos auxiliarão no aprofundamento da temática.

O terceiro e último capítulo irá trazer a compreensão da formação propiciada pela escola do campo Olga Benário Prestes na autonomia de sujeitos e a pesquisa empírica com as entrevistas semiestruturadas. Retoma-se aqui as principais questões propostas para o estudo, constituindo-se num ensaio que pretende fazer a relação da teoria com a prática.

## **CAPÍTULO 1. Contextualização histórica do Assentamento Celso Furtado e do Colégio Estadual Olga Benário Prestes**

Este capítulo visa contextualizar historicamente o Assentamento Celso Furtado e o Colégio Estadual Olga Benário Prestes.

### **1.1 A história do Assentamento Celso Furtado em Quedas do Iguaçu/PR e a questão agrária**

A fim de compreender a origem do Assentamento Celso Furtado no município de Quedas do Iguaçu, Estado do Paraná, é fundamental compreender o processo de transição do acampamento para o atual assentamento. Sendo assim, é possível evidenciar que esse feito teve a sua origem no final dos anos 90, em Quedas do Iguaçu e municípios da região.

A primeira ocupação iniciou em janeiro de 1999, quando 2,3 mil famílias do MST provenientes de acampamentos provisórios da PR-158 em Rio Bonito do Iguaçu, migraram para Quedas, ocupando uma área de terra na bacia. O líder dos trabalhadores, Claudinei Torrentes, hoje assentado, fez parte da primeira ocupação. Ele destaca que a luta foi extremamente necessária, já que os governos federal, estadual, municipal e parte da sociedade tinham uma postura contrária ao movimento de trabalhadores. Com a chegada das famílias, ficou difícil para a empresa Araupel manter seu domínio, vindo a ceder a área para o INCRA fazer a Reforma Agrária. A partir de 2005, o acampamento passou a ser reconhecido pela justiça, com a visita de juízes e promotores da justiça Federal. Após isso, o acampamento passou a se chamar de assentamento Celso Furtado. (PPP, 2017, p. 4).

De modo peculiar, em Quedas do Iguaçu, iniciou-se um acampamento no dia 10 de maio de 1999, onde mais de 1.000 famílias, realizaram a ocupação da fazenda de propriedade da União e posse da madeireira Araupel. O Assentamento, entretanto, surge somente no dia “06 de dezembro de 2004. Quinze dias antes Celso Furtado morria no Rio de Janeiro. A sugestão do nome veio do Incra, mas foi debatida e ratificada pelos moradores”. (D’AGUIAR, 2014, s./p.). Para a região Centro-Sul do Paraná há uma atuação forte por parte dos movimentos sociais e isso se reflete no assentamento em questão.

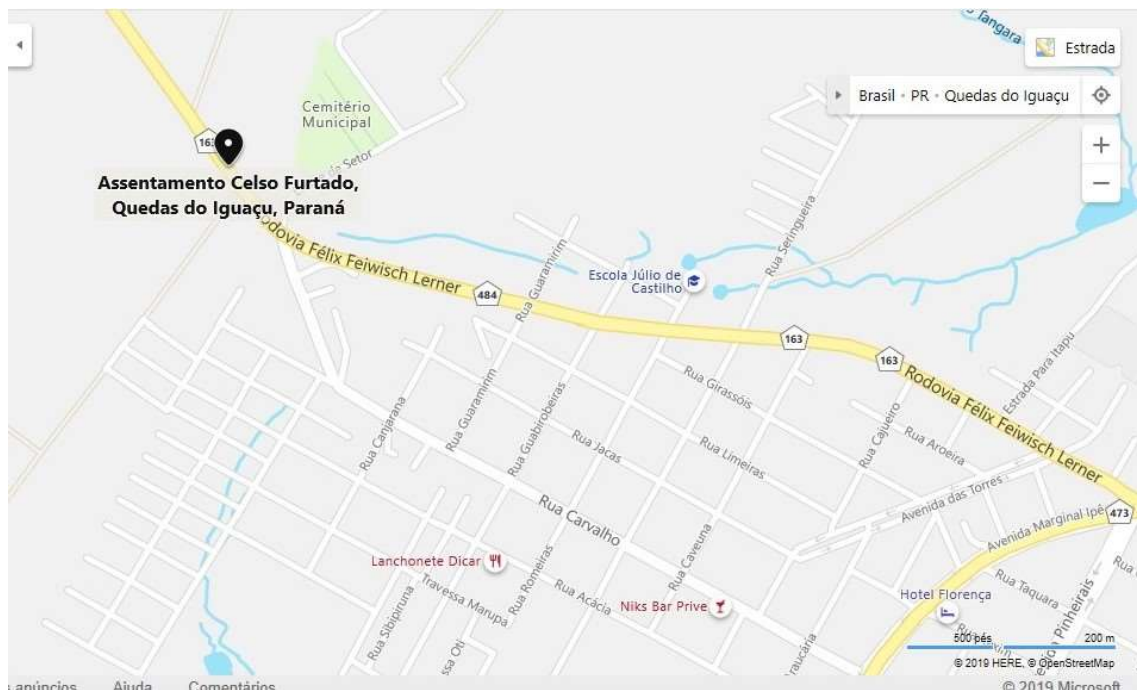
O Assentamento Celso Furtado é um retrato de corpo inteiro do que poderia ser o campo brasileiro quando (e se) for cumprido o preceito constitucional de

desapropriação de latifúndios improdutivos; quando (e se) for praticada uma política de valorização da agricultura familiar frente ao gigantismo do agronegócio. Em seus 28 mil ha vivem 1098 famílias, em lotes de 15 ha, um pouco mais ou menos, dependendo das condições previstas no Plano de Desenvolvimento dos Assentamentos, o PDA. As famílias estão organizadas em quinze comunidades, sendo três as principais, nas quais se tenta instalar uma estrutura maior. (D'AGUIAR, 2014, s./p.).

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que o Assentamento Celso Furtado tem sua origem nas lutas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). O MST é um dos mais importantes movimentos sociais do Brasil, tendo como foco as questões do trabalho no campo e a luta pela Reforma Agrária brasileira.

O assentamento surge da necessidade das famílias camponesas em adquirir uma parcela de terra para estabelecer moradia, produzir alimentos, criar seus filhos e ter condições mais dignas de vida. Muitas destas famílias estavam desempregadas, desamparadas pelo governo e sem expectativa de vida. Buscaram no MST a esperança em possuir um espaço para morar e viver dignamente. (ENTREVISTADO 1).

O assentamento está localizado no município de Quedas do Iguaçu/PR. A seguir, ilustramos com um mapa:



Fonte: Google Maps. Acesso em 14/08/2019.

O assentamento Celso Furtado está localizado em Quedas do Iguaçu, no Estado do Paraná, se localiza ao lado do perímetro urbano e o mesmo pertence ao Território Cantuquiriguaçu.

Tentando compreender a situação econômica das famílias do assentamento, traremos a seguir alguns breves elementos que compõem a vida das famílias. Nesse sentido, pode-se dizer que as famílias possuem renda econômica proveniente da agricultura, especialmente da produção de leite e praticam produção de subsistência. Há uma preocupação com a produção agroecológica, demonstrando assim a inquietação com o meio ambiente e com a vida. Desse modo no assentamento a produção é diversificada.

São produzidos uma grande diversidade de alimentos, mas a principal fonte de renda das famílias é a produção de soja e leite. Existem iniciativas de produção orgânica em duas comunidades, além de experiências agroecológicas em propriedades de algumas famílias. O que mais me deixa triste é porque a maioria dos assentados são monocultores e fazem uso de agrotóxicos. (ENTREVISTADO 2).

Com as lutas do MST aprofunda-se o debate em torno da apropriação da terra e também do programa de Reforma Agrária no país. Nesse viés, pode-se conceituar reforma agrária como a reorganização da estrutura fundiária, com o objetivo de promover a distribuição mais das terras. O objetivo da mesma é de proporcionar a redistribuição das propriedades rurais, ou seja, efetuar a distribuição da terra para realização de sua função social, assegurada pela Constituição Federal de 1988.

O processo de Reforma Agrária é realizado pelo Estado, “que compra ou desapropria terras de grandes latifundiários, que são proprietários de grandes extensões de terra, nas quais, geralmente, normalmente a maior parte aproveitável não é utilizada, e então esses lotes são distribuídos para famílias camponesas”. (FRANCISCO, 2019, s./p.). O Estado tem a obrigação de garantir o direito ao acesso à terra para quem nela vive e trabalha, mas nem sempre isso é posto em prática, visto que várias famílias são expulsas do campo, tendo suas propriedades adquiridas por grandes fazendeiros.

Nesse contexto, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) exerce grande pressão para a distribuição de terras, sendo a ocupação de propriedades consideradas improdutivas a sua principal manifestação.

Entre as barreiras e dificuldades enfrentadas pela Reforma Agrária estão as resistências dos proprietários das terras que não querem vender gerando, assim, um grande atrito entre o dono da terra e o governo para a compra da terra. Existem também as dificuldades em âmbito jurídico e os custos de manutenção altíssimos para mantimentos das famílias que são assentadas, já que elas precisam de financiamentos bem baixos para que possam ainda comprar sementes, adubos e demais equipamentos que proporcionem a infraestrutura necessária para o trabalho realizado no campo.

Nesse sentido, a Reforma Agrária é de extrema importância para todo o país, já que isso regulariza e torna a proporção de terras mais adequadas, além de aumentar também o cultivo e a produção de alimentos orgânicos. A luta pela terra, contudo, também possui um sentido econômico, pois se a produção familiar for incentivada pelo Estado ela pode, por exemplo, fortalecer o mercado interno, por meio da produção de alimentos com baixo custo e a inclusão econômica e social de milhares de famílias.

Em julho de 1970, o Decreto nº 1.110 criou o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), que é responsável pela missão principal de promover a reforma agrária de maneira justa e sistematizada, a médio e longo prazo, manter e gerir o cadastro nacional de imóveis rurais, administrar terras públicas, além de identificar e registrar, demarcar e titular terras destinadas a assentamentos e comunidades tradicionais quilombolas.

A criação do INCRA possibilitou às pessoas que ocupam as terras mais oportunidades de permanecer nelas, pois o mesmo solicita a compra das terras para que possa ser regularizada e que as pessoas que nela residem possam continuar a trabalhar e adquirir um determinado espaço de terra para sobreviver.

O debate em torno da questão agrária, no entanto, possui uma dimensão muito maior, conforme preconiza Stédile (2012):

O termo questão agrária é utilizado para designar uma área do conhecimento humano que se dedica a estudar, pesquisar e conhecer a natureza dos problemas das sociedades em geral relacionados ao uso, à posse e à propriedade da terra. Ao se fazer o estudo da forma de organização socioeconômica do meio rural de qualquer país, está-se estudando a questão agrária daquele país. Porém, durante muito tempo, o termo foi utilizado principalmente como sinônimo dos problemas agrários existentes e, mais reduzidamente, quando, em determinada sociedade, a concentração da propriedade da terra impedia o desenvolvimento das forças produtivas na agricultura. E essa forma de interpretar a questão agrária tem uma história que precisa ser conhecida. (p. 439).

O significado do conceito de questão agrária, entretanto, como originalmente interpretado pelos pensadores clássicos evoluiu nas últimas décadas. Hoje há um entendimento generalizado de que a questão agrária é uma área do conhecimento científica que procura estudar, de forma genérica ou em casos específicos, como cada sociedade organiza, ao longo de sua história, o uso, a posse e a propriedade da terra.

A questão agrária resulta da complexa articulação entre diversos processos sociais, econômicos, políticos e ambientais. Em cada momento histórico e em cada país, região ou localidade essa articulação apresenta-se de uma forma específica.

## **1.2 Contextualizando a Escola do Campo – Colégio Estadual Olga Benário Prestes**

O Colégio Olga Benário Prestes, está localizado na comunidade Dez de Maio, em Quedas do Iguaçu, região Centro-Sul do Paraná. Os alunos que frequentam a escola residem nessa comunidade e nas comunidades próximas do Campo Novo, Entre Lagos, Palmital, pertencentes ao assentamento Celso Furtado. Também estudam na escola integrantes do acampamento fazenda Rio Grande e Vila Rural, próximos ao assentamento. O nome do colégio se refere à militante comunista alemã Olga Benário Prestes que era uma revolucionária, lutava para ver o fim das desigualdades e das injustiças sociais. (PPP, 2017).

Logo após a ocupação da área do acampamento, as famílias criaram uma equipe/comissão que tinha como principal objetivo, negociar a criação de uma escola dentro do acampamento. Para discutir esta questão foi agendada uma reunião no final da segunda quinzena de maio, com integrantes do poder público municipal local. A reunião, contou com a presença do prefeito municipal da época Pedro Alzide Giraldi. Os representantes das famílias acampadas apresentaram a proposta da criação de uma escola no acampamento. A negociação transcorreu de forma bastante tranquila, não havendo nenhuma discordância por parte do poder público municipal em relação à proposta apresentada. As conversas ficaram mais restritas, na forma de como seria organização da mesma. (PPP, 2017).

O surgimento da escola se deu por decorrência do que foi acordado em uma reunião com os representantes do acampamento. Na primeira quinzena do mês de junho de 1999, iniciaram as aulas de Ensino Fundamental no acampamento, em um barracão que servia para armazenar insumos agrícolas da empresa Araupel. (PPP, 2017).



Em 2000, a escola passou a ofertar no acampamento, somente as séries iniciais do Ensino Fundamental. O Ensino Fundamental - Séries Finais, assim como o Ensino Médio, também passou a ser oferecido nas escolas estaduais da Sede do município. Esta forma de organização prosseguiu até o final do ano de 2003. A partir do ano de 2004, foi implantado no acampamento, a Escola Itinerante. (PPP, 2017).

As escolas itinerantes são vinculadas ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Denomina-se assim, porque acompanha a luta pela Reforma Agrária, assegurando a escolarização dos trabalhadores do campo. As escolas itinerantes abordam medidas contraditórias às escolas tradicionais, pois a metodologia e a questão avaliativa são implementadas de uma maneira diferente, até na escolha dos educadores que irão trabalhar.

Já no ano de 2005, ocorre a efetivação do Assentamento Celso Furtado, pelo governo federal. Com o deslocamento das famílias para seus lotes, foram criadas no assentamento três comunidades centrais, onde passaram a funcionar ali, escolas de Ensino Fundamental e Médio.

O Colégio Estadual Olga Benário Prestes – Ensino Fundamental e Médio passou a ter esta denominação, quando foi desmembrado do Colégio Iraci Salete Strozak do Assentamento Marcos Freire, município de Rio Bonito do Iguaçu, do qual faziam parte as escolas itinerantes. Isto ocorreu na data de 13 de fevereiro de 2006, sob a Resolução nº 08/03/2006. (PPP, 2017). Para melhor compreensão do surgimento da escola a ENTREVISTADA 3 relata que:

Então, estou inserida nessa escola há mais de dez anos. Minha mãe é docente na rede municipal a qual dividiu até o ano passado juntamente o prédio com o estado. Então, acompanhei a história da escola, desde a parte física até a parte pedagógica. Onde percebi a grande evolução nesse espaço. Pois há um grande preconceito pelas escolas do campo ainda mais em área de reforma agrária. Então, a escola durante esse tempo, lutou contra esse estereótipo promovendo uma educação de qualidade e respeitando o educando dentro desse espaço para que assim conseguisse continuar estudando e permanecendo nessa terra que foi conquistada com muito suor e luta.

Vale salientar ainda que a escola do Campo Olga Benário Prestes no seu início passou por algumas dificuldades, enfrentando de perto o preconceito para com os educandos.

No início da escola os alunos tinham vergonha de dizer de onde eram, e onde estudam pois sofriam com os preconceitos das pessoas da cidade por serem do acampamento, as pessoas olhavam com cara de nojo e muitas vezes não

chegavam perto de quem é do acampamento. Mas com o passar do tempo eles foram ficando fortes e não sentem mais esse sentimento., pois se sentem orgulhosa de ocupar esse espaço. (ENTREVISTADA 3).

Pode-se dizer que, mesmo com esses preconceitos a escola passou a ser vista por seus educandos como uma escola melhor, com ideário emancipador que valoriza os sujeitos. Assim, os educandos que a frequentam sentem orgulho de serem do assentamento e por terem esse espaço propício em aprendizados para a sua formação humana.

## **CAPÍTULO 2. Autonomia, sujeitos, formação humana**

Nesse capítulo aprofundaremos alguns conceitos centrais de análise para esse trabalho, dialogando com interlocutores.

### **2.1. Autonomia e sujeito**

Paulo Freire (1996) critica as formas de ensino tradicionais e defende uma pedagogia fundada na ética, no respeito, na dignidade e na autonomia do educando. Nessa perspectiva, questiona a função de educador autoritário e conservador. A educação “bancária” pressupõe uma relação vertical entre o educador e o educando. O educador é o sujeito que detém o conhecimento, pensa e prescreve, enquanto o educando é o objeto que recebe o conhecimento, é pensado e segue a prescrição. O educador “bancário” faz “depósitos” nos educandos e estes passivamente as recebem. Tal concepção de educação tem como propósito, intencional ou não, a formação de indivíduos acomodados, não questionadores e que se submetem à estrutura de poder vigente.

Vale destacar que tanto o educador quanto o educando devem estar abertos à curiosidade, ao aprendizado durante seu percurso de vida. O educador tem muita importância na vida do educando, pois a sua prática, suas atitudes e palavras poderão ficar marcados na vida do educando, contribuindo, assim, positivamente ou não para seu desenvolvimento.

Por isso, se destaca a importância do educador e a sua metodologia. O educador deve estar aberto para aprender e trocar experiências com o educando, porque ambas as partes merecem respeito pelas suas vivências. É primordial que se tenha um método que desperte curiosidade no educando e para que se desenvolva assim um desenvolvimento de criticidade nele. Segundo Freire (1996):

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, a escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela- saberes socialmente construídos na prática comunitária mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relações com o ensino dos conteúdos. Porque não aproveitar a experiências que os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. (p.16).

Conforme Freire (1996, p.10): “ensinar não é transferir conhecimento”, é respeitar a autonomia e a identidade do educando. É necessário, desse modo, que o educador esteja envolvido com ele mesmo para poder assim envolver os educandos.

Nesse viés, é importante ensinar que educar é também respeitar. A ética, a responsabilidade, a coerência, a humildade e a tolerância são qualidades de um bom educador. Também pode-se dizer que é importante a segurança e o conhecimento do professor para se fazer respeitado. O educador precisa utilizar meios de linguagem fácil para, assim, possibilitar a compreensão e o entendimento.

Nesse sentido, o professor exerce um importante papel para que haja um movimento de mudança social. Algumas atitudes do educador em sala de aula podem gerar uma nova consciência nos seus educandos. Indica-se que há uma necessidade de uma mudança na postura dos profissionais para, enfim, colaborar com a melhoria de condições de qualidade de vida, e assim desarticular qualquer forma de discriminação e injustiça, pois a educação é uma especificidade humana que intervém no mundo.

Nessa perspectiva, partimos do princípio que somos seres incompletos e que precisamos estar em busca de novos conhecimentos, sejam eles técnicos, práticos ou por meio das pessoas que convivemos ou que passam pelo nosso caminho.

Vale destacar a importância de propiciar condições de atividades aos educandos, em suas socializações com os outros e com o professor, de assumir-se como um ser histórico social, que pensa, que critica, que opina, que tem sonhos, se comunica e dá sugestões. A educação é uma forma de transformação da realidade, ela não é neutra e nem indiferente, mas que tanto pode destruir a ideologia dominante, como mantê-la.

Muitas vezes um determinado gesto do educador pode repercutir na vida do educando e das necessidades de reflexão sobre o assunto, pois ensina e exige respeito aos saberes do educando. Todos devem ser respeitados em sua autonomia sendo, portanto, a auto avaliação um excelente recurso para ser utilizado na prática pedagógica, pois educadores e educandos necessitam de estímulos que despertem a curiosidade e, em decorrência disso, a busca para chegar ao conhecimento.

Ensinar requer a plena convicção de que a transformação é possível porque a história deve ser encarada como uma possibilidade e não como um determinismo moldado, pronto e inalterável. O educador não pode ver a prática educativa como algo sem importância, é necessário lutar e insistir em revoluções e mudanças. Não se deve barrar a

curiosidade do educando, pois é fundamental o incentivo à sua imaginação, intuição e sua capacidade de ir além.

Como impossível seria sairmos na chuva expostos totalmente a ela, sem defesas, e não molhar. Não posso ser professor sem me por diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar politicamente. Não posso escapar à apreciação dos alunos. E a maneira como eles me percebem tem importância capital para seu desempenho. Daí, então, que uma de minhas preocupações centrais deva ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser o que realmente estou sendo. (FREIRE, 1996, p. 59).

Nesse contexto, ensinar exige querer bem aos educandos, expressando a afetividade. A atividade docente é uma atividade também de caráter afetivo, porém, de uma formação científica séria, juntamente com esclarecimento político dos educadores. A prática educativa é um constante exercício em favor da construção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos, dando significados, construindo e redescobrimo o mesmo pois fomos programados, mas para aprender e, por consequência, para ensinar, intervir e conhecer.

O professor que não carregue dentro de si vontade, garra, imaginação devidamente dosada não poderá ser democrático em sua sala de aula. Sua metodologia de ensino deve ser altamente instigadora e ir ao encontro dos anseios do educando.

Ensinar exige comprometimento e conhecimento, interação entre educando e educador, como eles veem o educador vai tornar o seu trabalho mais fácil ou mais difícil. Hoje em dia o educador precisa estar cada vez mais atento ao que está ao seu redor ou corre o risco de ficar ultrapassado virando uma “peça de museu”. Precisa primar por ensinar que o educando vive em um mundo onde há diferentes culturas que querendo ou não elas influenciam em sua vida, assim podendo se dizer que influencia no futuro como pessoa. Nas considerações de Paulo Freire (1996):

Um das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é proporcionar as condições em que os educandos em relação uns com os outros e todos com o professor ou professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. (p. 23).

Nesse sentido, é possível vislumbrar que ensinar e aprender é de suma importância, deve-se a haver uma vontade de aprender e imaginar, pois ensinar é preparar o caminho para a autonomia de quem aprende, fazendo um cidadão consciente de seus deveres e direitos. De igual forma, ensinar é transformar a sociedade para a mesma tenha princípios mais justos e igualitários.

## **2.2. Autonomia na escola na perspectiva do sujeito e da formação humana**

Quando nos referimos à formação humana, estamos falando da formação do indivíduo como um todo. Isso implica dizer que há necessidade de levar em consideração os seus modos de vida e suas concepções de mundo. É pensar na perspectiva de sujeito que critica, modifica realidades e age com autonomia e não com autoritarismo.

A verdadeira aprendizagem é aquela que transforma o sujeito, ou seja, os saberes ensinados são reconstruídos pelos educadores e educandos e, a partir dessa reconstrução, tornam-se autônomos, emancipados, questionadores, inacabados. “Nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo”. (FREIRE, 1996, p. 26). Sob esse ponto de vista, percebemos a posição do educando como sujeito desse processo de reformulação do conhecimento, ao lado do educador. Ele passa a ser visto como agente e não mais como objeto, isto é, ambos fazem parte do processo ensino-aprendizagem numa concepção libertadora.

A autonomia na escola se dá conforme instituída pela Lei de Diretrizes e Bases de Educação (LDB) de 1996, que se refere à construção da identidade institucional, constituída pela formação de capacidade organizacional, ser capaz de gerenciar diretamente os recursos destinados ao desenvolvimento e manutenção de ensino, bem como a execução dos mesmos, mediante adoção da gestão compartilhada.

Vale salientar que cada educador tem um plano de trabalho próprio, mas esse “plano” está de acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola que, quer moldar escola de uma maneira, assim muitas vezes impondo que o educador trabalhe somente o conteúdo que está no plano e ainda que a temática seja trabalhada diretamente do livro didático da escola, sendo que muitas das vezes esses livros trazem apenas trechos que vão explicar resumidamente o assunto deixando muitas vezes o educador na mão.

Nessa perspectiva, o educador passa, muitas vezes, a deixar de lado o que realmente quer ensinar para cumprir a lei da escola. Porém, o educador deve ter capacidade de contrariar a escola e trabalhar o conteúdo com outros recursos de materiais, assim modificando esse padrão escolar e buscando fortalecer a autonomia e o princípio da criticidade.

Sendo assim, é importante utilizar o exemplo da escola do campo que faz um esforço de transformar a escola tradicional, pois a essa escola tem uma forma de pensar e agir diferenciada. Ela se desenvolve no bojo do movimento da educação do campo, a partir das experiências de formação humana desenvolvidas no contexto de luta dos movimentos sociais camponeses por terra e educação.

Trata-se, portanto de uma concepção que emerge das contradições da luta social e das práticas de educação dos trabalhadores do/no campo. O acesso ao conhecimento, a garantia do direito à escolarização para os sujeitos do campo, faz parte desta luta, na qual se insere também as lutas por políticas públicas de formação de educadores, que se orientem por determinado perfil docente forjado neste processo histórico construído pelos camponeses. (MOLINA; SÁ, 2012, p. 324).

Vale destacar que outra dimensão significativa nas escolas do campo é a lógica do trabalho e da organização coletiva. “Ensinar os alunos e a própria organização escolar a trabalhar a partir de coletivos é um relevante mecanismo de formação e apropriação das funções que a escola pode vir a ter nos processos de transformação social”. (MOLINA; SÁ, 2012, p. 329).

Nesse viés, vale dizer que muitas escolas apenas se dizem autônomas de si próprias, mas estão vinculadas a um sistema tradicional. Suspeita-se que se conseguir desenvolver autonomia nos educandos a mesma será fundamental para sua formação, pois quando estimulados os educandos a serem autônomos, oferecemos uma educação que vai durar por toda a vida, não apenas durante o período escolar. Também a autonomia pode proporcionar a capacidade de tomar decisões não forçadas e baseadas em informações disponíveis, ou seja, é quando a pessoa passa transformar toda informação que ela recebe ao longo da vida em um conhecimento prático e funcional. Nesse contexto, Freire (1996), associa a autonomia ao amadurecimento do sujeito e diz que:

é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da

decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade. (p. 67).

Desse modo, a autonomia significa a capacidade que qualquer pessoa tem de definir as leis para si mesma. Na dinâmica escolar todos devem ter o direito de opinar e de participar dos processos decisórios de forma democrática. A autonomia faz-se fundamental para a formação do cidadão conscientes e atuantes, no entanto, é importante que os alunos entendam que a autonomia não significa fazer o que se quer, como e quando se quer, mais sim, usar a liberdade com responsabilidade. Com Paulo Freire, aprendemos que “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder um ao outro”. (1996, p. 67).

Nesse viés, quando pensamos em sujeitos é fundamental pensar em trabalho, pois no atual modelo capitalista de sociedade que vivemos, podemos dizer que é através do trabalho que os indivíduos se tornam sujeitos de direitos e de vida. Vale destacar que o educador é responsável pela formação do sujeito que chega na escola, pois o mesmo ensina valores e ética, sendo que este sujeito que chega na escola é um sujeito social, cultural e histórico. A formação do educador deve-se basear também nesta dimensão social, cultural e histórica, buscando um sentido ético e político para que quando chegar na sua prática docente possa fazer de sua prática um reflexo para os educandos.

Vale salientar que a escola não é uma fábrica de móveis ou de outros objetos que se usa, escola é uma “fábrica” de valores e saberes humanos, que deve formar sujeitos capazes de passar seus conhecimentos para aqueles que passar por eles na vida. Nas considerações de Paulo Freire:

Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um quefazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos. (1991, p. 126).

Nesse sentido, o educador deve buscar aperfeiçoamento e se preocupar com a formação continuada, para que possa contribuir cada vez mais para que os seus educandos possam descobrir o conhecimento que os tornem autônomos e críticos. O educador deve cultivar a prática a capacidade de levar o educando a desenvolver a sua capacidade crítica, despertar curiosidade do mesmo, deve-se fazer que o educando possa repensar o certo,



refletir, contextualizar, criticar e relacionar, fazendo com que isso ajude na construção de um sujeito ético, digno, ativo e transformador da sociedade onde está inserido.

Esse e outros farão o educador e a ferramenta importantíssima dentro de uma sociedade, tendo em vista que é ele que irá transformar ou deixar acomodar as questões mais inerentes da sociedade, da cultura, da política e da vida. Independentemente da situação difícil em que encontra-se essa profissão, o papel do professor é lutar descomunalmente para formar sujeitos repletos de valores humanos e políticos para nossa sociedade. É batalhar arduamente junto aos estudantes e a família para que esses possam evoluir e crescerem na vida pessoal e profissional. (NETO; SOUSA, 2015, s./p.).

Nas palavras de Freire (1996), o educador deve exercer a prática docente para que os alunos tenham autonomia para aprender sem pressões. O mesmo deve procurar a curiosidade dos alunos por pesquisa e troca de saberes. A troca de saberes entre aluno e professor ajuda a desenvolver a sua autonomia. Freire (2010) afirma que “os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinando, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”. (p. 26).

Nesse sentido, deve-se haver interação entre educador e educando, que o mesmo consiga atrair o educando para aula, por exemplo, com uma conversa informal que possa levar a perceber que algo novo vai acontecer na aula. Isso pode auxiliar para que o aluno preste atenção na fala do professor, podendo assim haver um diálogo entre os mesmos. Dessa forma, o educando vai se sentir acolhido na sala de aula por suas vivências e experiências. Assim, “ensinar exige o conhecimento e a assunção da identidade cultural”. (FREIRE, 2010, p. 41).

Vale destacar que o educador deve planejar criteriosamente cada aula, visando atingir não apenas o conhecimento, mas valores que possam alcançar os objetivos almejados. É preciso diagnosticar as necessidades dos educandos, respeitando o contexto cultural, social e afetivo. Por isso, deve-se se planejar as aulas para que elas não só detenham apenas transmissão de conhecimento, mas que sejam transformadoras da realidade. De acordo com Paulo Freire (2007):

Antes de qualquer tentativa de discussão de técnicas, de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, re-conhecer. (2007, p. 86).

Nesse contexto, acredita-se no educador capaz de coordenar a ação educativa, no educando como agente sujeito participante, na escola como currículo de cultura, e na sala de aula como espaço de diálogo. O educador conforme Paulo Freire, não precisa apenas saber o conteúdo, mas também como ensinar o conteúdo. A prática de ensino exige a reciclagem constante do educador.

Um professor precisa sempre, a cada dia, renovar sua forma pedagógica para, da melhor maneira, atender a seus alunos, pois é por meio do comprometimento e da “paixão” pela profissão e pela educação que o educador pode, verdadeiramente, assumir o seu papel e se interessar em realmente aprender a ensinar. (FREIRE, 1996, p. 31).

Dessa forma, interação entre educando e educador pode se caracterizar pela seleção de conteúdo, organização, sistematização e didática para facilitar o aprendizado dos alunos. Nessa perspectiva, a autonomia vai se constituindo na experiência de várias e inúmeras decisões que vão sendo tomadas. Segundo o dicionário Aurélio (2010):

sujeito é aquele que se sujeita à vontade alheia, passível, então é preciso que seja provocado este sujeito, para que o mesmo deixe de ser apenas sujeito, se transformando em sujeito autônomo para que o mesmo possa fazer, agir assumir responsabilidades, aprender a pensar, argumentar, defender, criticar aquele que seja capaz de escrever sua própria história.

Vale salientar que algumas vezes a escola exige que o educador facilite que o educando seja aprovado, dando atividades extras, dando pontos para que o aluno tenha uma média no final do ano, para que o mesmo não repita e se torne um aluno “problemático”. Muitas vezes até os pais aprovam esse tipo de educação escolar para que facilite a “autonomia” do aluno. Com isso, o educador não deve se tornar o que a escola e a sociedade quer e sim sair desse modo facilitador para que a educação não possa virar um processo vago e temporário. Deve lutar contra essa forma fazendo o contrário e buscando que educando se esforce nas aulas, que traga exemplo de sua vida fora da escola, que se encaixe nas aulas, assim ajudando a construir e entender o conteúdo trabalhado.

A partir do momento que o educando se torna autônomo, ele começa a participar ativamente das aulas, dialogando com o educador e colegas, questionando e se questionando a respeito do que está sendo estudado, assim podendo relacionar o conteúdo

que está sendo estudado em seu cotidiano. Porém, o papel do educador também é despertar essa autonomia, esse interesse do educando de ir além, na busca de ser um sujeito de seu próprio conhecimento.

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade. (FREIRE, 2002, p. 13).

Cabe destacar ainda que o educador é movido também pela curiosidade, pois o mesmo deve estar sempre disposto a buscar mais, a estudar mais, tendo assim uma curiosidade constante que possa fazer com que ele esteja cada vez mais capacitado para o aprendizado em sala de aula. Quando se busca sempre mais e mais sobre os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula, isso pode fazer com o educador se sinta mais seguro e confiante para ensinar seus educandos e conseguir que os mesmos consigam aproveitar a aula participar da mesma.

Ensinar requer aceitar os riscos do desafio do novo, enquanto inovador, enriquecedor, e rejeitar quaisquer formas de discriminação que separe as pessoas em raça ou classes. Ensinar é ter certeza de que faz parte de um processo inconcluso, apesar de saber que o ser humano é um ser condicionado, portanto, há sempre possibilidades de interferir na realidade a fim de modificá-la. Acima de tudo, ensinar exige a autonomia do ser do educando. (FREIRE, 2002, p. 33).

Os desafios para essa temática, contudo, são muitos. Há necessidade constante de nos ampararmos no diálogo de saberes e nas práticas transformadoras e emancipadoras da sociedade. "O diálogo rompe com a lógica da apropriação, pois ele só se institui porque há um outro, o que supõe a disponibilidade em rever nossa base de valoração, questionada pela posição do outro". (HERMANN, 2014, p. 25).

### **CAPÍTULO 3. A formação propiciada pela escola do campo Olga Benário Prestes na autonomia dos sujeitos**

Nesse capítulo aprofundaremos a parte empírica da pesquisa com o objetivo de compreender a formação humana proporcionada pela escola do campo Olga Benário Prestes na autonomia dos sujeitos.

#### **3.1. Escola e educação do campo**

A escola é uma instituição responsável pelo processo de ensino e aprendizagem. Tem por objetivo integrar os educandos de diferentes realidades sociais e culturais e promover um diálogo de saberes. Esse conceito, entretanto, sofre alterações e muitas vezes possui um ideal no currículo formal que não atinge o real da escola.

Nesse sentido, além da escola tradicional, há visões progressistas que auxiliam na visão transformadora da realidade. Um desses exemplos é a escola do campo que tem como fundamento primeiro formar educandos críticos e com atuação de mudança no cotidiano de vida educacional.

Portanto, a Educação do Campo está construindo uma experiência significativa na história da educação brasileira. Oriunda da materialidade de lutas e adversidades sociais, composta por sujeitos sociais organizados por movimentos consolidados, torna-se ela própria um movimento social. Entretanto, por sua atuação e configuração no cenário educacional e social contemporâneo, pode-se dizer que, mais que um movimento social, a Educação do Campo é um movimento da sociedade na direção da ocupação da escola. (MARTINS, 2011, p.181).

A construção do conceito educação no campo vem se afirmando, desde sua origem, na luta de movimentos sociais. Os movimentos sociais e as organizações sociais, no entanto, evidenciam um tipo de relação fundamental com a educação do campo. Há aproximação dos sujeitos com a realidade do campo. No campo há vida e movimento. Esse movimento de transformar sujeitos é um dos ideários da escola do campo.

Um exemplo de escola do campo são aquelas vinculadas aos movimentos sociais, a exemplo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) que são chamadas de Escola Itinerantes que se denominam assim porque acompanham a luta pela Reforma

Agrária, assegurando a escolarização dos trabalhadores do campo. As escolas itinerantes abordam medidas contraditórias às escolas tradicionais, pois as metodologias e a questão avaliativa são construídas de uma maneira diferente, até na escolha dos educadores que irão trabalhar.

Nesse viés a educação no campo pode ser definida pelos seus sujeitos sociais está vinculada às necessidades das pessoas que residem no campo. Sendo assim, a escola do campo e para o campo precisa investir em uma interpretação da realidade que possibilite a construção de conhecimentos. As escolas do campo em sua maioria possuem grande parte de seus alunos residentes na área rural dos municípios ou distritos. A fonte primária de renda das famílias dos alunos é a produção agrícola. (CALDART, 2012).

### **3.2. A formação propiciada pela Escola do Campo Olga Benário Prestes na autonomia dos sujeitos**

De acordo com que foi visto até o presente momento na realização dessa pesquisa, pode-se afirmar que a escola Olga Benário Prestes contribui significativamente para a formação humana dos sujeitos, pois após serem realizadas as entrevistas percebemos que a escola é um espaço de aprendizado permanente, que está levando os educandos a se tornarem sujeitos críticos. Isso é possível evidenciar a partir da ENTREVISTADA 3:

A escola é um importante recurso na formação humana, mas não é a única. A vivência e convivência nos movimentos sociais, nas relações coletivas também contribui na formação humana. As instituições informais ajudam na formação humana e autônoma dos indivíduos. Mas é inegável que a escola tem um papel fundamental na escolarização e formação dos sujeitos. As escolas de assentamentos e acampamentos tem proporcionado uma formação mais crítica aos educandos por ter uma outra visão do processo formativo. Algo que não acontece na totalidade da educação brasileira.

Vale ressaltar, que as pessoas que vivem na comunidade e muitos dos professores que atuam na escola acreditam no potencial da mesma. Isso se fortalece por ela proporcionar mais oportunidades de ter educadores que possibilitam que o aluno perda o medo de se expressar e participar das aulas fazendo a relação da teoria com a prática.

Outro fator a considerar é que a existência da escola é vital para a desenvolvimento local do assentamento pois nela as famílias vivem a vida em comunidade e veem a

importância do estudo na construção social de seus filhos. A escola também passa a ser referência, ou seja, é o porto seguro para muitas questões sociais.

De igual forma, a escola é um importante instrumento de luta para a conquista do Assentamento e hoje continua sendo um importante recurso de resistência das famílias e jovens para permanecer no campo. A instituição é importante no processo de formação de novos sujeitos, novas lideranças políticas e na organicidade das famílias assentadas. A escola faz parte da formação dos sujeitos, trazendo uma instituição educacional que está vinculada com a realidade vivenciada pelo educando, dentro dos processos de luta e resistências do sujeito do campo.

O papel da escola é socializar o conhecimento e seu dever é atuar na formação moral dos alunos. É essa soma de esforços que promove o pleno desenvolvimento do indivíduo como sujeito. A escola é o lugar onde o educando deverá encontrar os meios de se preparar para realizar seus projetos de vida

Ao analisar esses elementos, pode-se dizer que a palavra educação não se resume no espaço formal, institucional, convencional da escola. A sua função social é contribuir nas várias dimensões da formação humana, sendo de fundamental relevância na vida do indivíduo, devendo assim ser acessível a todos. É no ambiente escolar que aprendemos de fato a socializar nossas experiências de vida com as demais pessoas e a respeitar a individualidade e o espaço de cada um. (ENTREVISTADO 4).

Nesse sentido, o educador deve ajudar na construção da autonomia e aprendizagem do educando, fazendo que o mesmo venha perceber que cada vez mais ele necessita aprender, permitindo assim, que o educando entenda que conhecimento é algo construído em uma aprendizagem constante.

Na autonomia reforça-se o conceito de sujeito, de *ser mais*, que não se vê mais como inferior, como objeto. Os sujeitos que, conscientemente, assumem e lutam pela condição de *serem mais*, de serem livres, negando um comportamento autômato a que a situação social opressora lhes impele, estão buscando a sua autonomia. *Ser mais* significa humanização e humanização significa vocação, no sentido ontológico. (ANDRIOLI, 2016, p. 80-81, grifos da autora).

A perspectiva se “ser mais” é o que torna o sujeito empoderado e com autonomia. Fazer parte do processo de ensino e aprendizagem é humanização. É a humanização que fortalece laços sociais cooperativos e alicerçados na vida e no cotidiano das pessoas.

Vale destacar que para Freire (1996), a autonomia é fundamental para construção de uma sociedade democrática. A autonomia é uma construção cultural, não é algo natural, depende da relação do ser humano com os outros e destes como conhecimento. Então, neste processo, o ato de ensinar, defende Freire (1996), é fundamental. Ao educador cabe não apenas ensinar os conteúdos, mas ensinar a pensar certo, criar suas próprias representações da realidade, saber explicar os fenômenos a partir de suas conclusões.

Autonomia é manter viva uma curiosidade, que começa ingênua e se desenvolve para a forma epistêmica, é manter aceso o princípio da dúvida sobre os fatos, sobre a realidade vivida. É propor para si e para os outros um processo de libertação social e coletivo, contrário à autolibertação. (ANDRIOLI, 2016, p. 81).

Assim, após todos esses aspectos relatados, pode-se dizer que a escola do Campo Olga Benário Prestes, do Assentamento Celso Furtado de Quedas do Iguaçu Paraná, está buscando auxiliar o sujeito a se formar um ser crítico, a quebrar preconceitos e a ter uma educação de qualidade que acaba mostrando que sua origem, a suas conquistas e sua história jamais deve ser esquecida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar a temática da autonomia e dos sujeitos na perspectiva da formação humana é um desafio para a conjuntura nacional brasileira. Ter a experiência, contudo, vivenciada a partir dos movimentos sociais da região Centro-Sul do Paraná, fortalece a luta pela resistência ao capitalismo e o seu aporte competitivo.

A Escola do Campo Olga Benário Prestes tem essa característica de resistência já que é uma escola nascida em meio às organizações sociais do MST. Defende em seu PPP (2017), princípios éticos e pedagógicos que primam pelo diálogo de saberes e para a formação dos sujeitos envolvidos como um todo.

Essa pesquisa, além de confirmar a hipótese anunciada de que o espaço educacional em questão contribui na autonomia dos sujeitos, também abre portas para novas perspectivas e novos olhares para a educação do campo.

Há evidências concretas a partir dessa pesquisa empírica de intencionalidades emancipadoras. Aliado a isso, os autores e autoras utilizadas na reflexão, trouxeram elementos fundamentais para a relação dos sujeitos com a prática.

Aliado a isso, a escola Olga Benário Prestes por estar no espaço de assentamento, tem proporcionado uma formação mais crítica aos educandos por ter uma outra visão do processo formativo, algo que não acontece na materialidade da educação brasileira.

Por fim, é possível apontar alguns aspectos conclusivos: a) A instituição escola, por mais que seja regida por um currículo formal, possui mecanismos de modificação de realidades sociais e culturais; b) A escola do campo, de modo peculiar, ao proporcionar essa visão diferenciada e crítica, propicia a humanização dos sujeitos envolvidos; c) A autonomia e a formação humana são processos relacionais com intencionalidades emancipadoras e no caso da pesquisa em questão, ao mesmo tempo em que formam sujeitos também trazem elementos de autonomia, de “ser mais”; d) É no processo coletivo da escola e do assentamento que se desenvolvem processos de libertação a partir da realidade refletida; e) Há curiosidade epistêmica na escola do campo, possibilitada pelo princípio da resistência e das lutas dos movimentos sociais; f) Com a educação do campo, há esperança! Esperança de um sonho possível de se efetivar, de transformar vidas e tornar os sujeitos protagonistas da própria história.



Tendo em vista que a pesquisa não se esgota em si, mas que há continuidade, concluímos esse trabalho com alguns questionamentos que julgamos pertinentes para esse debate: Como modificar saberes e caminhar rumo à conscientização dos sujeitos? Como mobilizar os sujeitos a partir da escola? Qual é a força da escola localizada dentro de um assentamento? O assentamento modifica olhares a partir do espaço da escola? Quais as contradições que impedem o processo emancipatório de sujeitos

## REFERÊNCIAS

- ANDRIOLI, A. L. **Religiosidade e mística no movimento de mulheres agricultoras de Santo Cristo/RS**: Um processo de constituição de identidades por meio da educação popular. TESE DE DOUTORADO. Unijuí: Ijuí, 2016.
- CALDART, Roseli Salete *et al.* (Orgs.). **Dicionário de Educação no Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- D'AGUIAR, Rosa Freire. **Brava gente assentada**: o Assentamento Celso Furtado. Carta Maior, 2014.
- DICIONÁRIO AURÉLIO. Editora Positivo. Rio de Janeiro, 2010.
- FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. "Reforma Agrária". **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/reforma-agraria.htm>. Acesso em 03 de dezembro de 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010 e 2002.
- HERMANN, Nadja. **Ética e educação**: outra sensibilidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- MARTINS, Fernando José. **Ocupação da Escola**: uma categoria em construção. Cascavel: Edunioste, 2011.
- MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão. Escola do campo. In: CALDART, Roseli Salete *et al.* **Dicionário da educação do campo**. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2012.
- NETO, José de Caldas Simões. SOUSA, Francisco Roberto de. **O papel do professor na formação de sujeitos**: obstáculos e desafios de uma educação transformadora. II CONEDU, 2015.

**PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO.** Escola Olga Benário Prestes. Quedas do Iguaçu, 2017.

STEDILE, João Pedro et al.(Orgs.). **Dicionário de Educação no Campo.** Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

## ANEXO 1

### ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS ESCOLA

1. Qual é a história da Escola do Campo Olga Benário Prestes? Fale mais a respeito
2. O que vc entende por Educação do Campo?
3. Qual a relação da escola com o Assentamento Celso Furtado?
4. Na sua opinião, a escola contribui para a formação humana e na autonomia dos sujeitos? Porque?

### ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS NO ASSENTAMENTO

1. Como surgiu o Assentamento Celso Furtado? Conte a sua história.
2. Houve conflitos agrários na passagem do acampamento para o assentamento?
3. Quantas famílias residem no assentamento?
4. O que as famílias produzem no assentamento? Há preocupação com a utilização de venenos?
5. Qual a importância da escola Olga Benário Prestes para o Assentamento?

## ANEXO 2

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a):

Estamos desenvolvendo uma pesquisa cujo título é: **A FORMAÇÃO PROPICIADA PELA ESCOLA DO CAMPO OLGA BENÁRIO PRESTES NA AUTONOMIA DE SUJEITOS**. Este trabalho é fruto de estudos do TCC do Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas da UFFS, Campus Laranjeiras do Sul/PR.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que abrange registros (gravação) de falas. Vale ressaltar que as entrevistas serão gravadas, transcritas e arquivadas. Somente serão utilizadas para esta pesquisa. Após a transcrição das entrevistas, a gravação será extinta. Fica assegurado que os (as) sujeitos envolvidos não incorrerão em nenhum risco advindo de sua participação e poderão obter benefícios através do acesso aos resultados da pesquisa.

Asseguramos o seu anonimato, podendo você ter acesso a entrevista e realizar qualquer modificação no seu conteúdo, se julgar necessário. Você tem liberdade para recusar-se a participar da pesquisa, ou desistir dela a qualquer momento sem que haja constrangimento, podendo solicitar que suas informações sejam desconsideradas no estudo. Mesmo participando do estudo poderá recusar-se a responder as perguntas ou a quaisquer outros procedimentos que ocasionem constrangimento de qualquer natureza.

Frente ao acima exposto, considerando-me devidamente esclarecido (a) sobre a pesquisa, eu \_\_\_\_\_, autorizo o graduando Fernanda de Oliveira Prasnievski, divulgar e publicar, para fins científicos e culturais, meus depoimentos, no todo ou em parte, editado ou não, nos termos acima firmados, ciente de que, a qualquer momento, poderei solicitar novas informações ou modificar minha decisão, caso assim o desejar.

---

Local e Data

Ass. do Resp. pelo Projeto    Assinatura do Depoente